

Mabor

Peço-me o meu querido amigo Cruz Caldas que algo lhe diga sobre a sua pequena maravilha que representam os quadros do capudário Mabor que teve a gentileza de me ofertar.

Confesso sinceramente o meu embaraço, pois muito embora sensibilizado pela sua atenção não me julgo, todavia, à altura de lhe transmitir a impressão agradabilíssima que me causou a observação do seu trabalho. Na verdade não sei que mais admirar nele: se a mensagem de sensibilidade encerrada nas gravuras, se a suavidade das cores ou o aproveitamento do pormenores, tão bem expressos que julgo não me enganar ao supor-las de locais bem conhecidos e por nós já visitados em conjunto.

Só realmente a sua sensibilidade artística, o seu coração tão impregnado de amor e bondade seriam capazes de apenas em quatro gravuras consubstanciar tudo o que de belo pode encerrar a vida. Desde a infância desceida até à maravilhosa idade do desfiar de recordações, já seu egoísmo e quando apenas deveria desajar-se, sem estorvo, ser-se útil ao nosso semelhante, passando pela das grandes ilusões - cheia de ideias e sonhos em de rosa - e pela do amadurecimento, essa idade tão difícil, algumas vezes representando o vértice da felicidade, mas quasi sempre cercada de problemas qual deles o mais complexo, tudo o meu querido amigo soube representar, a todos os aspectos dando a sua forma imensa. As cores, suavíssimas, mas bem definidas, estão também impregnadas de toda a sua maneira de ser, as quais, conjuntamente com os pormenores da capela de St. Ovidio e do banco do jardim me demonstram quão apurado é o seu sentido de observação.

Parabéns, pois, ao querido amigo, a quem desejo as maiores felicidades e a quem apresento as minhas desculpas por ter modestamente apreciar este maravilhoso "4 estações". Estou crente, porém, que a sua grande amizade por mim desculpa